



"VERSALHES NÃO TEM BANHEIROS!"

## AS VOCAÇÕES DA GEOGRAFIA CULTURAL

■ PAULO CÉSAR DA COSTA GOMES

### RESUMO

OS CAMINHOS DA GEOGRAFIA CULTURAL SÃO INÚMEROS E DIFERENTES, SENDO POSSÍVEL COMBINAR OBJETOS MUITO DISTINTOS ENTRE SI, MAS UNIDOS EM TERMOS DE SIGNIFICADO. O PALÁCIO DE VERSALHES APARECE COMO UMA REFERÊNCIA PARA, AO SER COMPARADO COM OUTROS OBJETOS, POSSIBILITAR ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A VOCAÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL. A AUSÊNCIA DE BANHEIROS EM VERSALHES E OS APARTAMENTOS DE CLASSE MÉDIA COM DEPENDÊNCIAS PARA EMPREGADA SÃO OBJETOS DE INTERPRETAÇÃO, REPORTANDO A CULTURAS DISTINTAS QUE O OLHAR GEOGRÁFICO PODE CAPTAR.

**PALAVRAS-CHAVE:** VERSALHES, BANHEIROS, APARTAMENTOS, DEPENDÊNCIAS DE EMPREGADA.

A oportunidade desse trabalho surgiu simplesmente. Foi, na verdade, construída a partir do encontro imprevisto e da simultaneidade de dois fatos aparentemente muito diferentes. O primeiro foi um convite para participar de uma mesa-redonda intitulada "Geografia Cultural: natureza e perspectivas", no IV Simpósio Nacional de Geografia e Cultura, no Rio de Janeiro; o segundo foi uma visita ao castelo de Versalhes nos arredores de Paris. É o encontro desses dois fatos e seus desdobramentos que gostaria de apresentar aqui. Em razão disso, o percurso narrativo é, por vezes, oblíquo, as intenções não são continuamente transparentes, mas a finalidade geral desse exercício é falar de uma vocação intrínseca à Geografia Cultural, portanto de algo que acreditamos fazer parte de sua natureza. Ao mesmo tempo, é também essa vocação que configura, dá forma e contornos às suas possíveis perspectivas.

Este percurso narrativo foge também um pouco aos cânones estabelecidos como formato recomendável aos textos acadêmicos. De fato, partimos da idéia de que, por vezes, a mistura de elementos heteróclitos pode gerar um movimento de compreensão bastante eficiente, sem perder algumas apreciadas qualidades da narrativa, ou seja, um pouco de inesperado, de surpreendente, e muitas imagens emprestadas de universos aparentemente distintos. Por isso, propositalmente misturamos aqui castelos e apartamentos, banheiros e camelos, turistas e geógrafos; tudo isso como parte de um verdadeiro caldo de cultura, como, aliás, convém aos objetivos de um encontro como este.

Nosso percurso começa então por uma rápida visita guiada pelo castelo de Versalhes. Construído sobre antigos domínios de caça de Luís XIII, ele é uma das marcas do apogeu da realeza france-

sa do grande século de Luís XIV. Em 1682, Versalhes se tornou a principal residência real. Mais que simplesmente um castelo, é um complexo de jardins, reservas florestais e edificações, sendo o castelo a sede principal desse conjunto. Exprime, pelo esforço da construção, pelo luxo do acabamento e dos equipamentos, pelo esmero do projeto, o ápice da força do absolutismo e anuncia, de certa forma, pela grandeza e magnitude de sua concepção, a centralização do Estado Moderno, que só aumentará a partir de então na administração da França. Desde sua ocupação, o castelo se transformou, assim como sua corte, em modelo para muitas outras cortes européias. Todavia, ainda que copiado ou fonte de inspiração para edificações congêneres, todos os outros são sempre menores, mais modestos e menos extraordinários que Versalhes. Para que se tenha uma idéia, esse castelo dispõe, entre outros números eloqüentes, de onze hectares de telhados, quase 52.000 m<sup>2</sup> de pisos, sessenta e sete escadas, 2.153 janelas, setecentos cômodos.

Surpreendentemente, no entanto, o castelo não dispõe de banheiros!

Um dos aspectos mais formidáveis do conjunto de Versalhes são suas fontes. Justo motivo de enorme orgulho do Rei Sol, são uma verdadeira proeza da engenharia hidráulica. Para construí-las e fazê-las funcionar, procedeu-se ao desvio e à canalização de vários córregos que formam bacias de alimentação em diferentes níveis e cotas e dão origem a grandes espelhos d'água. Ao todo são cinquenta chafarizes com seiscentos e vinte e jatos d'água, um débito que chega a 3.600 m<sup>3</sup>/hora, os quais circulam por 35 km de galerias e tubulações. A genialidade das instalações foi tamanha

para a época que até hoje o sistema é o original, só demandando os cuidados normais de manutenção. É extraordinário constatar mais uma vez, todavia, que com todo esse esforço de engenharia para a concepção e construção de tantos e tão sofisticados sistemas hidráulicos não tenha sido prevista nenhuma instalação sanitária nas dependências do castelo.

Para explicar isso não se pode alegar de forma alguma falta de conhecimento. Desde a Antigüidade se produz esse tipo de instalação sanitária. As termas no mundo romano (incluindo, portanto, a Gália) eram um equipamento urbano quase obrigatório e um dos focos centrais da sociabilidade urbana. Nesses banhos, o conforto era muito grande, com cômodos dispendo de reservatórios com água corrente em diferentes temperaturas. Igualmente, as latrinas com água corrente eram bastante utilizadas na Antigüidade romana, ao menos a partir do século I a.C., e não exclusivamente pelos altos dignitários, mas também por uma parcela significativa do resto da população, como atestam as ruínas de Pompéia.

A recuperação dos tratados de arquitetura da Antigüidade (o de Vitruvius, por exemplo) constituiu uma verdadeira febre a partir do Renascimento. Continham a descrição e os planos detalhados desses equipamentos e até justificativas para seu uso e recomendação.<sup>1</sup> O estilo francês conhecido como Classicismo procurou inspiração abertamente na Antigüidade. Associa-se diretamente ao reinado de Luís XIV, e os ideais artísticos e culturais da Antigüidade greco-latina foram tomados como modelos das academias criadas por ele. A arquitetura não fugia a essa regra e o Castelo de Versalhes foi concebido seguindo a inspiração dos câ-

nonos romanos. Entretanto, diferentemente das grandes residências dos nobres romanos, em Versalhes não foram previstas originalmente instalações para banhos ou latrinas.

Comecei essa descrição evocando uma visita realizada ao Castelo de Versalhes, devo agora acrescentar que o interesse maior foi acompanhar um grupo de turistas brasileiros. Ao saber que o castelo não dispunha de banheiros, muitos no grupo aproveitaram para fazer vários comentários irônicos sobre esse fato, que tinham como sentido salientar que a ausência de banheiro revelaria a falta de higiene dos franceses no passado tal como no presente. Acredito que essa forma de se comportar, rir do outro, constitui um movimento que dá forma ao encontro com o diferente, é uma maneira de lidar com a alteridade. Dessa forma, a constatação da diferença é seguida imediatamente por um julgamento sumário que a rejeita em nome de uma pretensa superioridade.

Ora, os franceses também têm o direito de se surpreender ao visitar, por exemplo, nossos apartamentos de classe média e constatar a organização das chamadas "dependências de serviço", que incluem os quartos e banheiros de empregada. Eles são contíguos ao resto do apartamento, contêm a idéia de que há uma circulação que pode ser exclusivamente tomada pela empregada.<sup>2</sup> Além disso, esse tipo de planta ou disposição espacial classifica e separa dois grandes tipos de "uso", o social e o doméstico. Hoje muito raramente há domésticas que o ocupem de fato, mas ainda assim esses espaços continuam a figurar nos edifícios projetados. Mesmo em pequenos apartamentos, muitas vezes de classe média baixa, as dependências de empregada estão presentes, e há argumentos de

que sua supressão poderia "desvalorizar" os apartamentos.

A surpresa dos franceses não se daria pelo desconhecimento do que consiste um quarto de empregada, pois nos prédios inspirados no modelo haussemaniano também havia esses aposentos, alinhados no último andar e alguns prédios nos quarteirões mais nobres também tinham entradas laterais de serviço. A surpresa viria do fato de que há muitos anos esses espaços foram abolidos e transformados em moradia de estudantes ou de outros segmentos sociais menos afortunados. O mesmo ocorreu com as entradas de serviço, reformadas ou requalificadas nos edifícios da capital francesa. A manutenção desse padrão no Brasil poderia muito bem sugerir a nossos visitantes que a sociedade brasileira, e especialmente a classe média, ainda vive uma certa nostalgia da escravidão. Nesse caso, os comentários poderiam salientar a dificuldade de uma convivência respeitosa e democrática no passado tal como no presente. Tudo isso, certamente, nos faria rir um pouco menos.

As viagens e os deslocamentos podem ter esse sentido muito prático de reforçar nossas certezas, ainda que sejam construídas a partir apenas de preconceitos, lugares comuns, banalidades, etc. A diferença entre as coisas e os lugares nos remete de volta, com alegria, a nosso conhecido e confortável mundo. Muitos sonham em realizar viagens por lugares que não disponham das mesmas condições de conforto, lugares mais "genuínos e autênticos". O desconforto experimentado nesse tempo de aventura, nesse espaço distante do nosso parece nos remeter à valorização do confortável e agradável mundo conhecido. A imagem das férias desse tempo da aventura pode ser uma praia

distante, um pequeno lugarejo, uma área rural recuada, etc. Essas imagens são nossas paisagens que correspondem a esses momentos excepcionais.

O mundo de tais momentos está repleto de pitoresco e deve permanecer isolado para não contaminar sua espontaneidade. De certa forma, gostaríamos de condenar as pessoas que ali vivem no imobilismo. Elas seriam parte de uma espécie de parque temático de nossa "infância", que visitamos sistematicamente para nos agradarmos de nosso mundo. O espaço e suas configurações são para nós a materialidade de nosso conformismo, e toda diferença se transforma em estranheza.

Poderíamos comparar essa relação com a alteridade ao um olhar do turista. A denominação é sem dúvida abusiva, nem todos os turistas são assim e nem o turismo tem como destino invariável esse tipo de relação. Essa é uma característica marcante numa atividade como esta, que há muito se transformou em mercadoria e, portanto, entre outras qualidades vende os lugares comuns e os estereótipos.

Muitos foram aqueles que estabeleceram diferenças significativas entre o turista e o viajante.<sup>3</sup>O olhar desses dois tipos carregam pois diferenças que merecem ser examinadas. Segundo uma ótica média, o viajante valoriza as diferenças e não se contenta em apontá-las, quer examiná-las e mesmo vivê-las. Ao contrário do turista, não remete toda observação da diferença a uma distância entre seu mundo e o dos outros. Assim, a cultura do viajante não é concebida como um parâmetro universal, capaz de instrumentalizar comparações e julgamentos de valor. O viajante se compraz da multiplicidade, quanto maior é a gama de variedade de uma coisa ou fenômeno, melhor. Na verda-

de, o viajante é antes de tudo um colecionador de objetos, plantas, animais, costumes, paisagens... Tudo deve ser catalogado e as observações devem ser organizadas em álbuns ou coleções. Quanto maior o número de observações, mais próximo está da totalidade. Depois de um grande número de dados coletados, a veleidade maior do viajante é criar tipologias, morfologias, ou melhor, classificações. Jardins botânicos, jardins zoológicos, galerias de história natural e museus variados são as instituições mais prezadas e associadas a esse tipo de olhar.

Se um viajante se colocasse diante do problema da ausência de banheiros em Versalhes, talvez fizesse um levantamento exaustivo de todas as formas e tipos de banheiro, e isso em diversos países e épocas. Também nos daria detalhes sobre as inúmeras formas de equipamentos relativos ao sistema de água e saneamento. Sem dúvida, construiria uma morfologia segundo algum critério que julgasse mais relevante e daria seu trabalho por encerrado com uma classificação geral sobre banheiros e sua ausência no mundo.

E o olhar geográfico?

Embora possamos reconhecer algumas características do olhar do turista e do viajante dentro da Geografia, sobretudo a do passado, o fato é que o conhecimento geográfico ao pretender se alçar no patamar da ciência moderna teve que superar algumas armadilhas e obstáculos.

Para ilustrar alguns dos mais importantes obstáculos encontrados pela Geografia como ciência moderna, reproduzimos uma estória contada por Luc Ferry sobre três cientistas de diferentes nacionalidades, um francês, um inglês e um alemão, aos quais foi encomendado um estudo sobre os camelos.<sup>4</sup> O

francês organiza uma visita ao jardim zoológico, posta-se diante da jaula do camelo, cutuca-o com uma bengala e observa-o durante um curto período de tempo. Volta para casa e redige uma tese intitulada "O que é o camelo". O inglês se desloca para o deserto, acompanha os animais, permanece com eles o tempo todo por um período bastante longo. Volta para casa com milhares de cadernetas, inúmeros croquis, uma infinidade de amostras. Planeja um dia escrever uma grande enciclopédia sobre o camelo, uma espécie de "Tudo o que você queria saber sobre camelos". Finalmente, o alemão leva um camelo para casa e, ao fim de um período de coabitação, escreve um ensaio com o título "Meu profundo eu e o ser camelo".

A fábula coloca ênfase sobre a identificação das escolas nacionais e três grandes armadilhas que precederam o advento do espírito da ciência moderna: o racionalismo excessivo, o empirismo pouco objetivo e a subjetividade erigida em verdade filosófica superior. Sabemos o quanto essas características estiveram presentes na Geografia, mas foi sobretudo o empirismo que teve vida longa entre os geógrafos.

A Geografia, porém, entra na academia justamente quando o estoque de terras a descobrir começou a se esgotar, e as aventuras das viagens e a supervalorização do pitoresco, do etnocentrismo e da auto-satisfação narcisista começaram a declinar fortemente dentro do discurso científico. Essa pretensão científica dos séculos XVIII e XIX obriga a Geografia a se definir como um domínio especulativo, é preciso construir explicações e não apenas acumular descrições.

Como poderia então esse exemplo da ausência de banheiros em Versalhes ser tratado pelo olhar

geográfico? A seguir nos permitimos fazer um breve estudo do que poderia ser esse olhar.

Uma primeira constatação de nosso geógrafo seria a de que o conceito de limpeza mudou muito na história, variando desde uma posição de exaltação como virtude essencial até uma postura crítica e condenatória. Essa gama de variações pode também ser vista como padrões culturais que variaram ao longo do tempo e de um lugar para outro. O geógrafo concluiria então que o fundamental não seria estabelecer uma evolução como se as posições relativas à higiene mudassem apenas ao longo do eixo do tempo, mas que o elemento central que faria as práticas higiênicas mudarem seria seu contexto cultural.

O segundo ponto fundamental a ser examinado é a distinção entre uma prática higiênica que envolve os cuidados com o corpo, a higiene pessoal, e aquela que diz respeito às normas de convívio, a higiene coletiva. Ao fazer essa distinção, saltaria aos olhos o fato de que justamente no momento da construção do castelo de Versalhes, a higiene pessoal iniciava um longo percurso que a transformaria em higiene íntima. Essa transformação se daria paralela à construção de um novo conceito para a época, de uma esfera de intimidade, que deveria ser resguardada do contato com outras pessoas. Ao mesmo tempo, para que essa intimidade pudesse ser concebida e vivida, havia a necessidade de um novo desenho do espaço, que agora consagraria inéditas áreas e nova compartimentação, as quais exprimiriam esse novo valor e essa nova prática social. As ações que transcorrem nos banheiros aí se incluem.

Da mesma forma, a construção de uma esfera pública modifica o conceito de higiene coletiva e

se ampara em uma nova forma de pensar e construir o espaço agora público. É esse novo espaço o elemento fundamental dessa nova prática, a higiene pública. Os arranjos espaciais associados a ela demonstram um enorme impacto. Foram, concomitantemente, tanto realizados na esfera do indivíduo e suas residências, quanto na esfera do público, através de um verdadeiro processo de reconfiguração espacial, sobretudo nas cidades.

Esses processos têm evidentemente relação direta também com os aparatos técnicos ligados a um certo controle da água, elemento central nessa compreensão, e isto certamente não escaparia da atenção explicativa de nosso geógrafo. Por isso podemos dizer que os equipamentos que se relacionam à higiene, sua presença, sua localização, o universo relacional que estabelecem, ou seja, a maneira pela qual estão relacionados a outros objetos espaciais é de profunda importância para a compreensão das dinâmicas sociais.

Antes de Versalhes, alguns velhos castelos da Idade Média dispunham de uma área dita *necessária*, separada dos aposentos e muitas vezes próxima ao criadouro de porcos. Alguns altos personagens da aristocracia utilizavam uma cadeira com um orifício e pouco depois o penico, mas o hábito de utilizar a rua era ainda predominante no século XVII e em grande parte do XVIII. O próprio Rei Henrique IV, avô de Luiz XIV, é descrito como um grande adepto dessa prática. Assim, eram comumente utilizados os jardins, as chaminés e mesmo os cantos dos aposentos dos castelos.

Uma relevante mudança ocorreu no século XVIII, pois surgiu o personagem do "portador ambulante", incumbido da função específica de atender aos chamados das pessoas necessitadas. Inte-

ressante é perceber que esse portador dispunha de um balde e de uma grande capa para envolver a pessoa, o que demonstra que havia se iniciado uma demanda por privacidade, inédita nesse período. Esse parece ser o caso dominante no Palácio de Versalhes. Para se ter uma idéia da lentidão dessa demanda, somente em 1770 a privada (o W.C. – Water Closet) foi introduzida na França e com ela a idéia de um novo compartimento físico dentro das casas inteiramente dedicado à função de latrina. Além disso, ainda que conhecida desde o século XVIII, seu uso só se popularizará bem mais tarde, no século seguinte.<sup>5</sup>

Em relação aos banhos, a moralidade católica sempre foi contra a "promiscuidade" dos banhos públicos herdados do Império Romano. Alguns poucos sobreviveram, mas tinham má fama do ponto de vista moral e, além disso, acreditava-se que eram nocivos, pois causavam a dilatação dos poros, o que permitia livre entrada de doenças. Havia assim quase que uma proibição dos banhos. Lava-se só o que aparece, mãos e rosto, com álcool ou água perfumada. O banho só reaparecerá no final do século XVIII, quando cai a moda da higiene a seco.

Normal, pois, que os banheiros só comesçassem a aparecer sob Luiz XVI, mesmo assim poucos, algumas vezes por ano e apenas para os aristocratas.

De fato, o banho como prática higiênica na Europa só se estabeleceu a partir do século XIX. Para isso criaram-se os banhos públicos que rapidamente se multiplicaram (são, por exemplo, 125 em Paris em 1850, e se disseminaram muitos outros nas pequenas cidades). Também no final do século XIX apareceu o chuveiro, quan-

do se difundiu o costume de ensaboar os cabelos para conter piolhos e pulgas. A difusão de seu uso acabou sendo responsável pela criação definitiva de um espaço exclusivamente dedicado ao banho, uma vez que a alimentação da água criava um ponto fixo, o que não era antes o caso da banheira, que podia ficar até dentro da cozinha, por exemplo. Note-se também que a alimentação de água dos edifícios gerou uma mudança no arranjo dos cômodos e nas áreas de uso coletivo (uma torneira era costumeiramente disposta entre os andares), mas além disso gerou a construção de castelos d'água nas áreas mais altas da cidade. Percebe-se pois como um pequeno equipamento disseminado por conta da mudança de uma mentalidade pode ser responsável por grandes mudanças na estrutura do espaço.

Quanto às mudanças no espaço coletivo, são suficientemente conhecidas como reformas urbanas higienistas e não teríamos condições de descrevê-las aqui. Ressaltaríamos somente o fato de que desde o final da Idade Média já começava a despontar uma consciência dos problemas trazidos pela insalubridade das cidades, mas as decisões das autoridades eram nesse campo muito pouco respeitadas. Foi preciso a constituição de uma verdadeira esfera pública para que as grandes mudanças fossem realizadas.<sup>5</sup> Assim, até o século XVIII, há muita dificuldade na separação das águas usadas e das águas limpas. Na maior parte das cidades européias, o lixo, por exemplo, é jogado no mesmo rio ou córrego que abastece a cidade. Além do lixo que se acumulava, os esgotos ficavam a céu aberto e as fontes de água potável eram muito raras. Com as chuvas, os poços e as fontes eram comumente contaminados pelas infiltrações.

A limpeza sistemática das ruas só começou em Paris no século XVIII, mas a disponibilidade de água limpa ainda é nesse período muito pequena e custosa. No século XIX, o discurso médico e sanitário começa a fazer aparição, consolida-se após a epidemia de cólera na década de 1830 e se transforma no principal elemento de renovação urbana, sobretudo com as descobertas da microbiologia.

Assim, podemos entender melhor a concepção do projeto de Versalhes, possivelmente em oposição à cidade de Paris: seus enormes jardins cuidados nos mínimos detalhes, suas largas e limpas alamedas, a presença de grandes e suntuosas fontes de água límpida e, finalmente, podemos compreender melhor o que significa a falta de banheiros.

O palácio foi projetado num momento em que ainda não tinham se desenvolvido as duas principais esferas da vida social moderna, a pública e a privada. Estas esferas demandam um novo espaço para que possam existir. Por um lado, isso significou uma pequena revolução na disposição do ambiente interior, na organização do espaço das residências e nos equipamentos e formas dos edifícios. Por outro, essas novas normas de higiene geraram uma enorme demanda de água corrente e saneamento, que foram seguidos por uma renovação completa dos equipamentos urbanos, mudança na forma, tamanho, desenho e função das ruas, por exemplo. Enfim, é toda uma nova cidade que nasce a partir desse momento, um novo desenho e uma nova organização do espaço.

Nessa apresentação percebemos quão importante é a cultura na compreensão de uma dada disposição dos objetos físicos sobre o espaço. Compreendemos também que as mudanças de mentalidade necessitam de um rearranjo espacial para

poderem efetivamente se estabelecer, como é o caso da esfera pública ou do sentimento de privacidade. Nesse caso, como em inúmeros outros, a explicação é tributária do exame da cultura.

Os banheiros, como objetos da cultura material, podem ser elementos fundamentais, portanto, na compreensão dos gêneros de vida e das formas diversas de organização do espaço, revelando-nos expressões do sentimento de privacidade, do conceito e exercício do que se considera higiene em diferentes momentos e variados lugares. Nesse sentido, os banheiros são representações de valores culturais, e sua presença física e arranjos espaciais constroem as condições para que esses valores possam ser vividos. Cabe a nós geógrafos, portanto, desenvolver a capacidade de ler esses arranjos e simultaneamente afastar as fáceis e simplistas formas de lidar com as diferenças apresentadas no espaço.

Assim, entender a forma e o lugar (nos dois sentidos da palavra) dos banheiros é entendê-los como parte de um processo cultural e histórico. Vê-los em sua espacialidade é tirar da localização e suas associações significados explicativos e (por que não?) uma Geografia.

E o que isso tem a ver com aquela vocação da Geografia Cultural anunciada antes? Vou tentar responder a partir de três questões:

- I) Não seria a Geografia Cultural um manifesto através do qual nós geógrafos pretendemos demonstrar que não pode haver compreensão sobre a organização do espaço se não levarmos em consideração o contexto cultural (no sentido etimológico de encadeamento de idéias em uma narrativa)?
- II) Não estaríamos pela valorização da cultura abandonando enfim os resquícios do naturalis-

mo e do positivismo que ainda restam na Geografia Humana, cuja própria denominação sugere esse tratamento "natural", justamente fora do contexto cultural?

III) Não seria lícito pensar que o sonho de uma Geografia Humana positiva, de categorias gerais, pode ser ela mesma vista como parte de um contexto cultural hoje em crise e em profunda mudança? Afinal, atualmente são cada vez menos numerosos aqueles geógrafos que não vêem as categorias, como, por exemplo, a natureza, como possuidoras de uma história e tratamentos diversos segundo diferentes contextos culturais.

IV) Paul Claval acredita que a tendência mais atual da Geografia Cultural seja aquela na qual o olhar do geógrafo se debruça sobre o olhar dos outros para entendê-los.<sup>6</sup> Poderíamos talvez acrescentar que esse olhar é também reflexivo e pode se reconhecer no olhar preconceituoso e banal do turista; no olhar do viajante acometido de uma bulimia obsessiva de inventário e curiosidade; ou ainda na pretensão de uma Geografia Humana de tendência monotemática, normativa e construída a partir de categorias universais, fortemente reprodutora dos cânones positivistas. Quando a Geografia Cultural faz isso, não é mais uma tendência dentro da Geografia Humana (como, aliás, já nos disse também em outras oportunidades Paul Claval), é a própria Geografia, ciência social com um inteiro projeto epistemológico.

Qualquer que sejam as respostas, de qualquer maneira constatamos que é essa nova Geografia Cultural que nos permite olhar temas tão diversos quanto higiene e banheiros e tirarmos daí, ainda

que de forma muito breve, algumas relações interessantes sobre as transformações da composição e do arranjo dos espaços. É esta Geografia que permite tratar alguns novos temas, outros nem tão novos, mas em inéditos recortes e, enfim, tecer relações que antes pareciam completamente despropositadas ou insólitas para um geógrafo.

#### NOTAS

- 1 HOMO, Leon. *Rome Impériale et l'urbanisme dans l'antiquité*. Albin Michel : Paris, 1971.
- 2 Clarice Lispector ilustra bem isso em *A paixão segundo GH*, com a estória da patroa que um dia resolve ir ao quarto de empregada, imaginando-no escuro, feio e sujo e ao chegar lá se depara, surpresa, com um am-

biente claro e limpo. Ao começar a abrir o armário, no entanto, descobre, no fundo, uma barata.

- 3 Lembro aqui ao menos dois filmes que tocam esse tema: *O turista acidental* e *O céu que nos protege*, de Bernardo Bertolucci.
- 4 FERRY, Luc et RENAUD, Alain. *La pensée 68. Essai sur l'antibumanisme contemporain*. Gallimard: Paris, 1985.
- 5 Uma grande parte das informações sobre os equipamentos de higiene, sua localização, data etc., provém de CHADYCH, Danielle et LEBORGNE, Dominique. *Atlas de Paris. Évolution d'un paysage urbain*. Parigramme: Paris, 1999.
- 6 Só com as reformas de Haussman as ruas de Paris ganham meio-fio e começa a construção de uma enorme rede de esgotos, mas o ritmo de ligação da rede com os edifícios antigos ainda era lento e bastante precária. A água corrente só era disponível no andar térreo e dois terços dos poços estavam completamente contaminados em 1871.

#### **ABSTRACT**

CULTURAL GEOGRAPHY PRESENTS SEVERAL AND DIFFERENT WAYS TO ANALYSE SOCIETY. IT IS POSSIBLE TO COMBINE VERY DISTINCT SUBJECTS, AMONG THEMSELVES, UNITED, HOWEVER, IN TERMS OF MEANING. VERSAILLES IN THIS ESSAY IS A REFERENCE IN A COMPARISON WITH OTHER SUBJECTS, LEADING TO SOME REFLEXIONS ON THE NATURE OF CULTURAL GEOGRAPHY. ABSCENCE OF W.C. IN VERSAILLES PALACE AND MIDDLE CLASS APPARTMENT IN RIO DE JANEIRO WITH ROOM AND W.C. FOR DOMESTIC EMPLOYEES ARE SUBJECTS FOR INTERPRETATIONS.

**KEY WORDS:** VERSAILLES, W.C., APARTMENTS, MIDDLE-CLASS.

